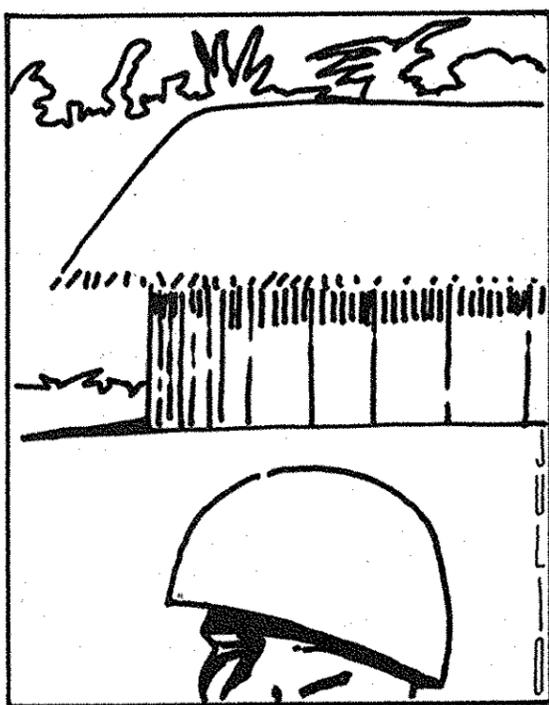


CRÔNICA

Meu querido e talentoso Marcos Terena

Rachel de Queiroz



Primero deixe-me lhe dar o meu abraço fraterno: no Ceará temos nas veias tanto sangue de índio, que posso tranqüilamente chamá-lo de irmão. Gostaria de chamá-lo também de colega: pelo que li no seu artigo "Vôo de índio", no *Jornal do Brasil*, você tem o dom natural da expressão escrita. Deveria escrever mais, fazer livros, artigos, proclamando a sua verdade — a verdade do índio — o autêntico, o legítimo. Afinal são você e os seus irmãos das nações indígenas que nos devem dizer o que é bom para o índio, o que ele quer, o de que precisa, e a que tem direito. As cabeças, mesmo as mais bem intencionadas entre a população, que vocês índios chamam de "brancos", jamais chegaram a um acordo.

Desde a descoberta, em 1500, a questão do índio é uma ferida aberta no corpo do povo brasileiro. Desde a sanha brutal dos "predadores de bugre" — também idealizados como "caçadores de esmeraldas". Ou o teocratismo paternalista e tutelar das missões jesuíticas do Paraguai e do Sul; ou o protecionismo, zarolho e burocrático das funais; ou os missionários em geral, todos eles tentando aprisionar o índio nos limites estreitos e salvacionistas dos seus ritos e seitas. Ou na criação das odiosas reservas, ao estilo dos americanos, com os índios mantidos em guetos fechados, quanto mais primitivos melhor, nus e de batoque, fósseis vivos, exemplares da pedra lascada, para deleite dos antropólogos e do turismo internacional. Será possível a manutenção, em poder das nações índias — com seus escassos duzentos e quarenta mil indivíduos —, dos vastos territórios de floresta, reclamados e prometidos, contra a cobiça, a ambição, a cruel falta de escrúpulos do chamado "homem branco" ou "civilizado"?

Talvez um dos mais trágicos erros dos nossos patrícios que lidam com os índios seja aquela idéia idílica do *bom selvagem*, criada por Rousseau, o Jean Jacques. Índio não é necessariamente bom ou ruim, é gente, como todos nós. Gente. Com as suas peculiaridades, a sua cultura, tão capazes de assimilar o progresso e a ciência, como os próprios brancos e os negros, os esquimós, os lapões, os maoris, os micronésios. É só lhes dar oportunidade.



Índio, no mato, não leva vida boa; se viver no mato em condições primitivas fosse tão bom assim, não se teria inventado a civilização. Essa posição simplista dos meninos do rock que cantam a ecologia e praticamente incluem os índios entre os animais em extinção não tem nada a ver, acredito eu, com a verdadeira postura do índio — que gosta de eletricidade, de trator, de automóvel, de avião, de estrada asfaltada e mais benefícios do progresso. E, como você pessoalmente o demonstra pelo seu currículo, Marcos Terena, eles podem perfeitamente assumir o uso e o controle disso tudo. Não tive convívio com os índios na medida que o desejava, mas sempre tive algum. O primeiro foi uma menina chamada Jaspim, que eu adorava, trazida do Amazonas por minha avó; adolescente, fugiu com um dono de bodega e acabou viúva rica. Mais tarde, na Bahia, tive em casa um indiozinho que me confiaram temporariamente; chamava-se Tabitê, tinha uns sete anos, cheguei a lhe ensinar a soletrar. Nossa separação deu-se entre prantos, dele e meus, quando tive que partir. Outro, Mationã, foi na Ilha do Governador, trazido ao hospital por Noel Nutels para tratar-se de reumatismo (acho que era o chamado poliartricular); era um príncipe, neto e sucessor de cacique. Conquistou não só os nossos corações, como o dos doutores e até o das mais calejadas enfermeiras.

Ah, não fique só no protesto, Marcos Terena! Use o seu talento natural, crie a sua cátedra não-oficial de indianismo, exercite a sua liderança, sua experiência. E não limite a sua pregação apenas à causa dos índios: ela tem que se estender ao resto das populações no Norte e do Nordeste, filhas de índio como você próprio, emigradas aos milhões para as favelas das cidades grandes, onde o que encontram é a miséria, a doença, o analfabetismo, o banditismo. Para isso, não valeu sair do mato bruto.